

BOLETIM PAROQUIAL

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES



www.paroquiadetires.org

Ano III - N.º 32
18 de agosto de 2019

DOMINGO XX - TEMPO COMUM

EVANGELHO Lc 12, 49-53

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São Lucas

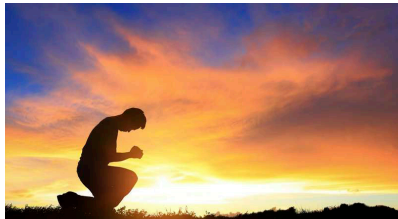
Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu senão que ele se acenda? Tenho de receber um batismo e estou ansioso até que ele se realize. Pensais que Eu vim estabelecer a paz na terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a divisão. A partir de agora, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três. Estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai, a mãe contra a filha e a filha contra a mãe, a sogra contra a nora e a nora contra a sogra».

Palavra da salvação.

MEDITAÇÃO DOMINICAL

ACOLHER O FOGO (AMOR) DE DEUS

No Texto Evangélico deste domingo, Jesus define a Sua missão como “lançar um fogo à terra”. O fogo que queima o pecado que escraviza o homem fazendo nascer para nós um mundo cheio de paz, amor, sinceridade e alegria para viver. O fogo é um símbolo do Amor de Deus, que purifica os homens de todas as suas impurezas. O amor, como fogo, nunca diz basta, tem a força das chamas e ateia-se no trato com Deus. Infunde em nós a força para resistir a tudo o que é contra a nossa fé.



O Antigo Testamento faz-nos entender que o fogo é um dos elementos da manifestação de Deus no meio do Seu povo. Por exemplo, a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite que guiava e iluminava o povo de Israel no deserto (Êxodo 13:21,22). No entanto, o fogo tem este poder transformador e purificador. Este fogo arde, queima e opera dentro de nós. A sua presença faz desaparecer os vícios do homem e promove o nascimento de virtudes. No Novo Testamento, os discípulos reunidos no cenáculo receberam o fogo do Espírito Santo que infundiu neles a coragem para o anúncio e o amor ao Evangelho. Ao mesmo tempo, inflamou nos seus corações o dom da unidade e da paz. O Verbo feito Carne torna-se este fogo devorador

que com a Sua Palavra ajuda o ser humano a caminhar para a santidade. É um fogo que prende e conduz ao abandono dos interesses pessoais e que se busca num mundo de irmãos.

A segunda afirmação de Jesus tem a ver com o batismo que ansiosamente Ele espera para receber. Jesus faz alusão à Sua Paixão e Morte redentora, a prova máxima do Seu amor, a qual levaria os crentes a uma correspondência de amor. A vida de Jesus foi uma entrega à humanidade através da cruz, da tortura, da dor e sofrimentos para chegar à Gloriosa Ressurreição.

Este fogo e o batismo têm consequências a notar. A Palavra de Deus provoca divisão, discórdia e desunião por parte das pessoas que fecham os seus corações à novidade evangélica e aqueles que procuram viver a sua própria vontade. Os conflitos entre famílias, de que fala o Evangelho, têm a sua raiz no acreditar ou não acreditar. A partir desta divisão estabelece-se o conflito, que é caracterizado principalmente pela diferença de valores, e exige de todos os que abraçam a fé, a consciência das suas consequências, entre elas a de ser odiado pelo mundo.

Como devemos preparar e acolher este fogo (amor) de Deus na nossa vida?

1. Estar atento à Palavra de Deus (escuta e contemplação);
2. Professar e viver a Fé;
3. Ser forte na oração diária;
4. Buscar a verdade nos relacionamentos.

Sejamos iluminados e transformados pelo amor de Deus que tudo vence!

O vosso amigo,

Pe. Andrew Prince

AGENDA PAROQUIAL

1. Atendimento Paroquial e Missas em agosto e setembro:

- Durante o mês de agosto e até o dia 10 de setembro, o Cartório Paroquial estará fechado às sextas-feiras;

- A partir do dia 10 de setembro e até o dia 06 de outubro de 2019, o Cartório Paroquial estará encerrado. Para qualquer assunto urgente, é favor ligar para os contatos: 21 445 11 63 (Pe. Miguel); 21 445 84 40 (Seminário da Torre d’Aguilha).

2. Realiza-se a **Assembleia Geral dos Catequistas** (Caparide e Tires) no próximo dia 08 de setembro de 2019, às 15h30, no salão paroquial.

O NOSSO TUDO É O EVANGELHO

O livro dos Atos dos Apóstolos mostra como o anúncio do Evangelho é confirmado pelos milagres e sinais que o acompanham. O primeiro deles é a cura dum paralítico de



nascença que, todos os dias, era colocado à porta do Templo de Jerusalém para pedir esmola. Um dia, pelas três da tarde, Pedro e João sobem ao Templo e seus olhos cruzam-se com o olhar daquele mendicante

que pede uma esmola. Os apóstolos acolhem aquele olhar, aceitam um encontro real com aquele homem enfermo, ativam uma relação: «Dinheiro, não temos! Mas damos-te o que temos: “Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!” E ele de um salto, pôs-se de pé e começou a andar». Encontrando os Apóstolos, o mendicante não encontra dinheiro, mas o Nome que salva: Jesus Cristo Nazareno. Pedro e João ensinam-nos a confiar, não nos meios materiais – sem dúvida, necessários –, mas na verdadeira riqueza que é a relação com Jesus ressuscitado. De facto, como dirá o apóstolo Paulo, «somos tidos (...) por pobres, nós que enriquecemos a muitos; por nada tendo e, no entanto, tudo possuindo» (2 Cor 6, 10). O nosso tudo é o Evangelho, que manifesta o poder do nome de Jesus que realiza prodígios. Prova disto é o paralítico curado: agora caminha, salta e louva a Deus. Pode viver celebrando o Amor de Deus que o criou para a vida e a alegria.

PAPA FRANCISCO, AUDIÊNCIA GERAL, Sala Paulo VI, Quarta-feira, 7 de agosto de 2019

A IGREJA DOMÉSTICA

O lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. É por isso que a casa de família se chama, com razão, «Igreja doméstica», comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e de caridade cristã.

Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja outra coisa não é senão a «família de Deus». Desde as suas origens, o núcleo aglutinante da Igreja era, muitas vezes, constituído por aqueles que, «com



toda a sua casa», se tinham tornado crentes». Quando se convertiam, desejavam que também «toda a sua casa» fosse salva. Estas famílias, que passaram a ser

crentes, eram pequenas ilhas de vida cristã no meio dum mundo descrente.

Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «Ecclesia domestica – Igreja doméstica». É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria

de cada um e muito especialmente da vocação consagrada».

É aqui que se exerce, de modo privilegiado, o sacerdócio batismal do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, «na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade efetiva». O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano». É aqui que se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida.

Não podem esquecer-se, também, certas pessoas que estão, em virtude das condições concretas em que têm de viver, muitas vezes sem assim o terem querido, particularmente próximas do coração de Cristo, e que merecem, portanto, a estima e a solicitude atenta da Igreja, particularmente dos pastores: o grande número de pessoas celibatárias. Muitas delas ficam sem família humana, frequentemente devido a condições de pobreza. Algumas vivem a sua situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. Mas a todas é necessário abrir as portas dos lares, «igrejas domésticas», e da grande família que é a Igreja. «Ninguém se sinta privado de família neste mundo: a Igreja é casa e família para todos, especialmente para quantos estão “cansados e oprimidos” (Mt 11, 28)».

Catecismo da Igreja Católica, nos 1655-1658

SÃO MAXIMILIANO KOLBE

Papa Francisco: «Peçamos a graça de recordar todos os dias que não somos esquecidos por Deus»

O Papa dedicou no passado dia 14 de agosto a sua habitual mensagem na rede social 'twitter' à memória de São Maximiliano Kolbe, sacerdote polaco que morreu no campo de concentração de Auschwitz a 14 de agosto de 1941.

“Peçamos a graça de recordar todos os dias que não somos esquecidos por Deus, que somos seus filhos amados, únicos e insubstituíveis: recordá-lo dá-nos a força para não nos rendermos perante as adversidades da vida”, frisa Francisco, em alusão ao sacrifício feito por São Maximiliano Kolbe.

O santo polaco, que morreu à fome numa cela em Auschwitz, ofereceu a sua vida em defesa do próximo, depois de um castigo imposto pelas forças de segurança nazis. Na origem desta situação esteve uma tentativa de fuga de um dos prisioneiros colocados no campo de concentração, Zygmunt Pilawski. A 29 de julho de 1941, os responsáveis pelo complexo de extermínio nazi selecionaram 10 prisioneiros para morrer à fome, como resposta à referida tentativa de fuga. Um dos prisioneiros que estava escolhido para morrer à fome, Franciszek Gajowniczek, pediu clemência, e o sacerdote Maximiliano Kolbe intercedeu por ele e aceitou morrer em seu lugar. São Maximiliano Kolbe viria então a sucumbir a 14 de agosto de 1941, aos 47 anos, tendo ficado conhecido para a posteridade como o “mártir da caridade”, beatificado a 17 de outubro de 1971 por Paulo VI e canonizado a 10 de outubro de 1982, já no pontificado de João Paulo II.

O Papa realçou o legado de um homem que soube transformar uma obscura opressão em lugar de luz.

Agência Ecclesia, 14 de agosto de 2019